

Memórias de um Lugar: meios de comunicação como suportes para registros de discursos que fundam o lugar praça Portugal¹

Ana Cesaltina Barbosa MARQUES²
Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, CE

RESUMO

Durante pesquisa que investigou a elaboração de sentidos para a praça Portugal (logradouro da cidade de Fortaleza, Ceará) por jovens frequentadores, encontrou-se a necessidade apresentar uma memória deste lugar. Como produzi-la e onde encontrá-la? Sendo os lugares produtos da ação e do discurso de coletividades, os meios de comunicação constituem-se importantes anteparos para tais produções discursivas. Entre 2008 e 2010, informações sobre a praça Portugal foram coletadas em livros, jornais da cidade e, também, em comunidades on-line em que interagem os jovens que visitavam a praça nos finais de semana. A comunicação por meios de sistemas de redes sociais favorece o acesso a registros de interações comunicativas entre sujeitos e grupos. No contexto dessa pesquisa, o emprego desse recurso permitiu um mergulho numa espécie de memória coletiva, viva e pulsante, dos grupos de jovens frequentadores do lugar.

PALAVRAS-CHAVE: memória, lugar, meios de comunicação, praça Portugal.

A praça Portugal constitui o chamado “coração” do bairro Aldeota, área apontada como nobre na cidade de Fortaleza (CE). Está situada no cruzamento entre as avenidas Desembargador Moreira e Dom Luís. Apesar de ser considerada uma das praças mais bem cuidadas da cidade, com manutenção realizada pela iniciativa privada, sua área central é

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade 7 de Setembro. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: anacesaltina@gmail.com

³ Pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, em nível de Mestrado, com apoio da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

⁴ O orkut foi lançado em 2004 e logo ganhou popularidade no Brasil a ponto de brasileiros constituírem a

espaço pouco visitado. O fluxo de pedestres se concentra nas ilhas laterais, próximas aos pontos comerciais instalados no entorno, que atraem visitantes. Por conta do trânsito intenso de veículos, a área central da praça funciona como uma rotatória, a organizar o trânsito.

Se ao longo da semana a área central da praça Portugal é espaço vazio, o cenário muda nas noites de fim de semana, quando grupos juvenis ocupam a praça, vindos dos mais diversos pontos da cidade – de bairros nobres e periféricos. A proximidade de shoppings centers favorece o fluxo de jovens no local.

Para apontar a praça Portugal como lugar, a perspectiva de observação se volta para as vivências dos sujeitos inscritos na materialidade espacial. Tuan (1983) emprega o conceito de lugar para indicar a construção de vínculos entre sujeitos em determinados recortes espaciais e ao longo de certos períodos de tempo. Para o autor, seria a experiência sensorial do espaço e a convivência com outros sujeitos que conformaria, a um recorte espacial, a condição de lugar. Para Tuan (1983), nasce sempre, junto com o lugar, o sentimento de pertencimento.

Entre 2008 e 2009, uma pesquisa³ buscou os sentidos elaborados pelos jovens frequentadores para o lugar praça Portugal. Tais sentidos se referem aos modos de percebê-lo e vivenciá-lo. Os sentidos de lugar, de que fala Tuan (1983), dizem respeito à dimensão discursiva que emerge de experiências individuais e coletivas que tem o lugar como referência.

O lugar e suas dimensões discursivas

A dimensão simbólica do lugar é evidenciada por Angelo Serpa (2011). O autor dedica atenção especial à dimensão discursiva do espaço urbano, que contribui para a construção da identidade do lugar.

O discurso fabrica o lugar: o lugar da vida cotidiana, da repetição, do trabalho (ou da ausência dele), mas também da criatividade e da subversão. Sim, da subversão, pois se trata aqui de grupos e iniciativas que produzem espaço na cidade contemporânea para afirmar ideias alternativas de cultura, para fabricar o lugar a partir de táticas cotidianas de enunciação. (SERPA, 2011, p. 16)

³ Pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, em nível de Mestrado, com apoio da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Para o autor, as referidas táticas transformam e subvertem estratégias hegemônicas de enunciação. Os meios de comunicação são apontados pelo por Serpa (2011) como importantes anteparos para a produção discursiva em contextos espaço-temporais específicos. Servem à concepção e à enunciação de lugares ao difundir discursos de diferentes grupos, inclusive aqueles de caráter alternativo ou contra-hegemônico.

Abreu (2012) também aponta, amparado em Santos (1994), para uma reconfiguração dos lugares nos dias de hoje, em decorrência da instantaneidade das comunicações. Tal fenômeno vem permitindo uma espécie de homogeneização do espaço global, que se evidencia pela similaridade entre lugares espalhados pelo globo. Como reação a isso, Abreu (2012) identifica uma necessidade atual de se diferenciar os lugares. E o passado é uma variável que determina a singularidade. Desse modo, a busca da identidade dos lugares é, também, a busca do passado dos lugares.

Segundo Abreu (2012, p. 21), o passado de um lugar pode estar materializado na paisagem, preservado em “instituições de memória” como museus, ou ainda “vivo na cultura e no cotidiano dos lugares”. Essas são direções para o encontro das “memórias urbanas”.

Para encontrar os sentidos elaborados para o lugar praça Portugal, foi necessário buscar as memórias partilhadas pelos grupos de jovens frequentadores. Uma pesquisa bibliográfica em livros e jornais locais contribuiu para contextualizar uma vasta quantidade de informações acessíveis em comunidades on-line do site de redes sociais orkut⁴, em que interagiam os jovens frequentadores da praça.

Memórias de um lugar

Abreu define memória como “uma categoria biológica/psicológica que diz respeito à capacidade de armazenagem e conservação de informações” (2012, p. 24). No entanto, o autor observa que, ao tratar de lugares, o foco se volta para uma memória compartilhada ou solidária. “A memória de um lugar, a memória de uma cidade, é, portanto, uma memória coletiva”, afirma Abreu (2012, p. 24).

⁴ O orkut foi lançado em 2004 e logo ganhou popularidade no Brasil a ponto de brasileiros constituírem a maioria de usuários do *site* desde o ano de lançamento da ferramenta, como indica notícia publicada no Jornal do Brasil, em 2 de agosto de 2004. O nome que batiza a plataforma *on-line* de suporte a redes sociais é o mesmo de seu criador, Orkut Buyukkoten, porém é registrado com letra minúscula.

Mesmo com o foco voltado para a memória coletiva, as memórias individuais são apontadas por Abreu (2012) como relevantes para a recuperação da memória das cidades. Mas é preciso ter cautela, observa Abreu (2012). A subjetividade inerente às memórias individuais precisa ser considerada, bem como as possíveis deformações das lembranças.

Abreu (2012) considera a categoria ‘memória coletiva’ na perspectiva trabalhada por Maurice Halbwachs (1990). Este autor afirma que a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas vai além delas. A memória coletiva é constituída por um conjunto de lembranças constituídas socialmente, com base em referências espaciais, e que dizem respeito a um grupo, ou seja, transcendem o indivíduo. Um traço que marca o que Halbwachs (1990) chama de memória coletiva é o fato dela estar viva na consciência de um grupo.

O surgimento de uma memória grupal ou social referida a um lugar se dá pelo estabelecimento de relações sociais entre sujeitos e numa determinada espacialidade. Abreu (2012) reforça que cada lugar é ponto de interseção de processos sociais que se desenvolvem em diversas escalas, como regional, nacional e planetária. Para o autor, o primeiro passo para a recuperação da memória de um lugar é entender como esses processos se entrecruzam, sincrônica e diacronicamente, num determinada espacialidade.

Suportes midiáticos para as memórias do lugar praça Portugal

Se os sentidos de lugar se constituem a partir das vivências individuais e coletivas, submetem-se ao caráter mutante dessas relações. Do ponto de vista dos sujeitos, o passar do tempo e a sobreposição de novas experiências modificam as relações com o espaço e com as pessoas nele inscritos. Para uma comunidade ou grupo social, os sentidos mudam conforme o contexto histórico e cultural, na mesma medida em que se modificam práticas sociais. A permanência e a renovação de sentidos para os lugares, bem como a convivência de sentidos velhos e novos, dependem do jogo de relações sociais. Diante disso, destaca-se a relevância da variável *tempo* para a compreensão da produção de sentidos no contexto da frequência juvenil na praça Portugal.

Para recuperar memórias da praça Portugal numa perspectiva diacrônica de observação dos processos sociais, foi realizada pesquisa bibliográfica de títulos que fizessem referência à história da praça. As referências encontradas em livros foram

escassas. Os dados referentes a usos do espaço anteriores a cena observada durante a pesquisa foram coletados especialmente em registros noticiosos publicados em jornal⁵. Esses dados foram tomados como discursos uma memória histórica do lugar, como indica Abreu (2012), e permitiram recompor uma breve cronologia da existência da praça.

A ideia de construção da praça Portugal surgiu na década de 1940, no contexto da elaboração de um Plano Diretor para Fortaleza que tinha como objetivo descentralizar a cidade (LEAL, 2009). Havia no projeto uma recomendação de criação de espaços livres nos diversos bairros, para constituir um padrão de planejamento urbano considerado moderno. A autorização publicada no Diário Oficial do Município em 27 de maio de 1947 (Decreto-lei nº 202, de 23 de maio) ocorreu em um momento em que as praças eram espaços fundamentais para a vida social da cidade.

Inicialmente chamada de praça Nunes Weyne, ficava na mesma localização - entre a avenida Otto de Alencar (hoje avenida Desembargador Moreira) e a avenida Farias Brito (hoje avenida Dom Luís). A denominação praça Portugal tornou-se oficial ainda em 1947, numa homenagem ao país colonizador. O espaço estava sendo planejado como área de lazer para os futuros moradores da região, tendo em vista que, naquele momento, os arredores compunham-se de areais pontilhados por coqueiros e cajueiros (LEAL, 2009).

A inauguração só viria a ocorrer de fato em 6 de abril de 1968, quando o entorno já tinha outros ares. O bairro Aldeota já havia crescido, com a construção de casarões, clubes como Líbano Brasileiro e Náutico Atlético Cearense, e igrejas como a das Irmãs Missionárias e a Paróquia da Paz (LEAL, 2009). O evento de inauguração reuniu nomes da sociedade cearense e da colônia portuguesa no Ceará para a celebração de uma missa rezada pelo vigário da Paróquia da Paz. A praça já se apresentava dividida em uma área circular com quatro ilhas laterais. No centro, uma plataforma elevada, contornada por um espelho d'água, servia de suporte para um monumento que estampava em mosaico uma caravela. No final da década de 1970, a praça ganhou uma fonte luminosa que se tornou outro atrativo para os visitantes (LEAL, 2009).

O formato circular da área central da edificação, próximo de uma rotatória, destacou-a das demais praças cearenses. Como, na época, o fluxo de veículos era escasso, esse não foi, inicialmente, um problema para o acesso de pedestres. Na década de 1970, os moradores do entorno ainda não tinham dificuldades para chegar à área central, ponto onde a vizinhança se encontrava.

⁵ Os arquivos do jornal O Povo foram eleitos para a pesquisa diacrônica sobre a história da praça Portugal.

Na década de 1980, teve início na praça a realização de uma programação cultural mais intensa, com apresentações musicais, manifestações públicas e uma feira semanal, que inicialmente vendia flores e depois passou a ofertar artesanato, livros e revistas, comidas e bebidas típicas. A feirinha da praça Portugal é identificada por Cunha (1990) como a primeira do tipo em Fortaleza. O evento inicialmente era realizado às quintas-feiras, sextas-feiras e aos sábados.

A feirinha de artesanato realizada na praça Portugal entre o final da década de 1970 e os anos 1980 marcou um período⁶ de intensa frequência de atividades voltadas especialmente para o público jovem. Exemplo delas é a ação da rádio FM do Povo (FM..., 1981), que envolveu a juventude presente ao transmitir um programa ao vivo da praça Portugal. Os frequentadores podiam escolher as músicas que ouviriam ali mesmo, com transmissão da emissora. A feira se organizou inicialmente sem intervenção do poder público, dando liberdade aos feirantes para variar os serviços oferecidos e improvisar a estrutura necessária, como relata Leal:

Com o pôr-do-sol, veículos estacionavam em seu perímetro. Mesas e cadeiras se distribuíam sobre o gramado e o piso de pedra, precariamente equilibradas. A instalação elétrica improvisada iluminava o cenário, embebido no cheiro de pastel, paçoca e baião-de-dois, no compasso de uma babel de sons provenientes de rádios e radiolas em derradeiro volume (LEAL, 2009, p. 68).

As feirinhas espalharam-se por outras praças de Fortaleza e, em 1990, o evento já não era mais realizado na praça Portugal (CUNHA, 1990). Entre as razões apontadas como responsáveis pelo fim da feirinha de artesanato da praça Portugal estava o crescimento desordenado, que teria tido como consequências a degradação do equipamento urbano e o acúmulo de lixo nos arredores. Em 1984, uma reforma restaurou calçadas, muretas e o gramado, mas a fonte luminosa foi considerada irrecuperável. Apenas dois anos depois, a praça foi novamente interditada para a remoção de detritos acumulados, realização de reparos nas precárias instalações elétricas e cuidados paisagísticos. Matéria de *O Povo*

⁶ Em pesquisas realizadas em arquivos dos jornais locais, não foi possível precisar o período em que se realizou a feirinha de artesanato na praça Portugal. A notícia “Livros são a motivação da Praça”, da edição de *O Povo* de 21 de outubro de 1977, anuncia a regularidade da feira que se realizaria a partir de então nas noites de quinta-feira, sexta-feira e sábado, para a venda de livros, flores e plantas ornamentais. A última notícia encontrada na pesquisa que se referia à feira era de *O Povo*, em 5 de agosto de 1986. Na matéria “Obra interdita Praça Portugal por 45 dias”, descreve-se uma praça degradada, suja, invadida por comerciantes não cadastrados na Prefeitura de Fortaleza.

(OBRA..., 1986) responsabilizava os feirantes por tornar o local “ponto desagradável de visitar”.

A descrição de Leal ilustra a expansão descomedida que a feirinha da praça Portugal alcançou:

Não eram apenas as barracas que lá se encontravam instaladas. Havia grandes movelarias, uma sorveteria, duas lanchonetes, um caminhão de frutas e até uma agência para a venda de carros usados, nas ilhas em forma de L, ao redor da praça – não se mencionasse, ainda, uma construção em alvenaria, irregularmente erguida, completando o cenário pouco condizente com o perfil desejado para o bairro (LEAL, 2009, p. 75).

Vale ressaltar que a reforma iniciada em 1986 foi uma entre muitas realizadas no espaço, sempre envolvendo a Prefeitura de Fortaleza em cooperação com empresas privadas. Dois anos depois, os jornais da cidade noticiavam novamente os estragos no local, mais uma vez com acúmulo de lixo, problemas que ficaram à espera da próxima reforma realizada em 1989.

Em 1991, uma polêmica foi instaurada a cerca do nome da praça. Um projeto de lei propunha mudança do nome do local para praça Parsifal Barroso, em homenagem ao ex-governador do Ceará. O projeto foi aprovado na Câmara, sancionado pelo então prefeito Juraci Magalhães, mas teve de ser revisto diante da mobilização da comunidade portuguesa que se posicionou contra a mudança. Até mesmo o embaixador de Portugal no Brasil manifestou-se de forma contrária à troca de nomes em carta endereçada ao prefeito.

A discussão em torno do nome da praça impulsionou a reforma seguinte realizada em 1992, provavelmente a intervenção mais significativa desde a inauguração. As obras iniciadas em julho deram nova feição ao local. No centro foi instalado um pórtico em forma de arco de que pende uma esfera armilar, um instrumento de astronomia aplicado em navegação marítima que representa a esfera celeste. O monumento substituiu o antigo, que impedia a visão de um lado a outro da praça.

A notícia no *O Povo* de 27 de dezembro de 1992 anunciou a reinauguração do equipamento, com novo planejamento paisagístico, nova iluminação e instalações elétricas que permitiriam a realização de *shows*. A administração municipal avisava, porém, que a feirinha não seria mais realizada para evitar a degradação.

As transformações materiais e de uso da praça Portugal acompanharam as mudanças no entorno. A princípio área de residências nobres, a região ganhou ares de zona comercial, com *shoppings* e lojas a se multiplicarem. Esse movimento teve início em 1974, com a inauguração do Center Um Shopping, localizado na avenida Santos Dumont, distante três quarteirões da praça. O empreendimento tinha declarada a intenção de mudar os hábitos dos fortalezenses, que até então só faziam suas compras no centro da cidade. Posteriormente foram inaugurados vários outros *shoppings* no entorno: Portugal (já desativado), Aldeota Mall, Avenida, Bambuí e Aldeota.

A concentração de centros comerciais conformou um problema de congestionamento diário na área. Na busca por atenuar a situação, sentidos de ruas foram invertidos. Contudo, tal medida pouco alterou o estado de frequentes engarrafamentos, especialmente ao cair da noite. Outras intervenções ainda foram cogitadas, entre elas a instalação de semáforos; a transformação das avenidas em vias de mão única; a construção de um túnel (CONSTRUÇÃO..., 1995); a redução física do diâmetro da praça (PRAÇA..., 2003) e até a sua implosão para facilitar o trânsito de veículos.

O intenso tráfego tornou a área central da praça Portugal espaço para ser visto. A cada fim de ano, uma enorme árvore de Natal é instalada no local, o que atrai visitantes que não necessitam descer ou mesmo parar seus veículos para apreciar a decoração. Os elementos são arranjados de modo a produzir efeito visual a distância. Com a árvore e os arranjos, também chegam anualmente melhorias de infraestrutura, quase sempre patrocinadas por empresas privadas.

Em 2009, nova reforma restaurou jardins, pontos de iluminação, bancos, meio-fio e o piso de pedra portuguesa. Foram construídas rampas de acessibilidade para pessoas com deficiência e outra específica para a montagem da árvore de Natal, a fim de evitar a quebra do piso a cada ano. Houve também ajustes nas instalações elétricas e hidráulicas para restringir o acesso ao controle da água e da energia elétrica, já que frequentadores costumavam desperdiçar água e desligar o disjuntor de energia.

Com a última reforma, também vieram mudanças relativas ao comércio de mercadorias nos arredores da praça. As bancas instaladas nas ilhas laterais foram proibidas de vender produtos que exijam refrigeração. De acordo com o órgão fiscalizador, a venda de água, refrigerante e cerveja contraria a legislação que regulamenta o comércio nesse tipo de estabelecimento. A medida, nesse contexto, constitui também pretensão de inibir o

consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes que se reúnem no local, especialmente nas noites de sábado.

Um balanço da fase bibliográfica da pesquisa evidencia que não foi possível encontrar os sentidos de lugar partilhados pelos grupos juvenis que frequentavam a praça Portugal nos fins de semana. Isso foi alcançado somente com a observação sincrônica das interações dos jovens frequentadores no espaço da praça, realizada presencialmente, por meio de observação participante, e *on-line*, em comunidades do *site* de redes sociais orkut.

O trabalho de campo ocorreu entre 2008 e 2009. Deparei-me então com uma espécie de memória do lugar praça Portugal, registrada em interações dos membros de mais de uma dezena de comunidades organizadas em torno da frequência à praça Portugal. Dos registros das interações entre os jovens frequentadores emergiam os sentidos elaborados e negociados para o local.

A comunicação por meio de sites de redes sociais na Internet, como o orkut, caracteriza-se pelo emprego de funções pós-massivas, como discutem Lemos e Levy (2010). Esses sistemas funcionam como ferramentas de conversação entre os usuários, havendo a experimentação da liberação do pólo de emissão, ou seja, todos os usuários ocupam as posições de produtores e consumidores de conteúdo.

De acordo com Recuero (2010), a dinâmica de sociabilidade no orkut pode ser representada pelo modelo de rede, pois conforma um conjunto integrado por atores (pessoas, instituições ou grupos) e conexões, ou laços sociais. Os usuários podem também criar comunidades no sistema, espaços para interação de atores interessados em temas comuns. Há, portanto, possibilidades de elaborações discursivas, inclusive de caráter alternativo e contra-hegemônico.

Nas comunidades do orkut observadas na pesquisa, os usuários interagem em seções como fórum e enquete. O fórum possibilita a elaboração de tópicos, lista de temas sobre os quais os usuários elaboram mensagens. Nas enquetes, o proponente elabora uma questão e oferece antecipadamente opções de respostas, que podem ser comentadas. As mensagens dos usuários do sistema orkut são como rastros das interações, ficam visíveis àqueles que têm permissão para acessar perfis e comunidades, até que os autores ou administradores decidam apagá-las.

Entre 2008 e 2010, muitas das comunidades *on-line* elaboradas em torno da Praça Portugal ofereciam aos visitantes livre acesso as interações entabuladas em tópicos e enquetes. Na comunidade *on-line* Praça Portugal, por exemplo, as mensagens encontradas

datavam desde 2005. Em algumas situações, os usuários do sistema discutiram os usos feitos do espaço da praça e as relações entre os frequentadores. Em outras, deram continuidade a dinâmicas iniciadas na Praça Portugal ou inauguradas naquele espaço aberto pela rede mundial de computadores, como paqueras ou jogos em que testavam conhecimentos sobre seus hábitos de consumo.

Como se monta um quebra-cabeça, peças foram sendo ligadas. Foram examinadas as mensagens deixadas pelos membros da comunidade *on-line* Praça Portugal no espaço do fórum, um universo de 730 tópicos criados entre 2005 e 2009. Os tópicos apresentavam extensão variada, podendo ter apenas uma mensagem ou ultrapassar 3.500 postagens. Desse modo, informações foram sendo coletadas e, justapostas, formaram um panorama dos usos sociais da praça Portugal, onde se avistava sentidos de lugar partilhados pelos frequentadores. Desse modo, foi possível montar uma cronologia de sentidos elaborados para a praça Portugal por jovens frequentadores a partir dos anos 2000. Para tanto, as informações coletadas na comunidade *on-line* foram cruzadas com dados obtidos por meio de entrevistas e obtidas em outros trabalhos acadêmicos que fizeram menção a aspectos da vida social da praça.

O material analisado esteve constituído de testemunhos registrados nos tópicos da comunidade *on-line* Praça Portugal, cuja natureza posiciona-os entre a lembrança e a criação narrativa. Apresenta-se então uma cronologia possível dos sentidos elaborados para o lugar praça Portugal pelos frequentadores do local e membros da comunidade *on-line* Praça Portugal. Como é próprio da memória, foram selecionados, registrados e remontados momentos que pareceram marcantes ou relevantes para a pesquisa empreendida.

Inventário de sentidos do lugar praça Portugal

Com o mergulho em uma memória da praça Portugal por meio do esquadrinhamento de tópicos da comunidade *on-line* Praça Portugal, foi possível identificar uma sucessão de sentidos elaborados para o lugar a partir das práticas adotadas pelos diversos grupos que frequentaram o local, bem como os valores associados a essas ações. A chegada à praça e a descoberta de um espaço onde a possibilidade de ação e de expressão estaria distante da vigilância próxima e direta a que estavam acostumados os jovens elaboraram o *primeiro sentido*, o de liberdade. Sobreposto a este, as necessidades de jovens fãs de RPG e *otakus* de movimentarem o fluxo de produtos de seus interesses fomentaram a prática de *troca e o*

comércio informal de bens simbólicos, elaborando assim um segundo sentido para o lugar praça Portugal.

Conformou-se no lugar um espaço para a juventude local exercitar a convivência num logradouro público, experiência cada vez mais distante do cotidiano das grandes cidades. Conforme os relatos, nos primeiros anos da década de 2000 o local tornou-se um harmonioso ponto de encontro onde era possível constituir fortes laços de amizade, sem a exigência da mediação institucional da escola ou da família. Evidencia-se, assim, um terceiro sentido para a praça Portugal: *o de ponto de encontro, lugar para se fazer ou estreitar amizades*. A comunicação boca a boca teria espalhado na cidade a notícia da existência desse reduto juvenil, e a chegada de novos frequentadores, afinados com outros estilos, teria desestabilizado o sutil equilíbrio de forças que instituiu os territórios.

Novas práticas, novos desafios de limites, e a praça Portugal ganhava um quarto sentido: *espaço de manifestação da diversidade de estilos apropriados pela juventude local*. A vivência no ambiente de diversidade ressaltou diferenças e identidades, motivando a manifestações de intolerância e a formação de vínculos. Frequentadores veteranos enfrentaram novatos, numa dinâmica de ressaltar diferenças entre estilos, por consequência, entre posições socioculturais.

Ressalte-se que os sentidos elaborados na relação dos jovens frequentadores com o lugar Praça Portugal não se esgotam no panorama aqui apresentado. A partir dessa incursão numa memória *on-line* das relações dos frequentadores da praça Portugal, foram indicados os sentidos que pareceram preponderantes. É certo que outros devem ter sido construídos subjetiva e coletivamente.

Considerações finais

A busca pelos sentidos elaborados por jovens frequentadores para o lugar praça Portugal conduziu a pesquisa referida ao encontro de memórias produzidas sobre o lugar. Memórias individuais foram conhecidas por meio de interações face a face com jovens frequentadores do local, enquanto memórias coletivas foram acessadas através de registros feitos em meios de comunicação.

Por meio de livros e páginas de jornais, foi possível acessar, de modo diacrônico, uma memória dos processos sociais em torno da praça Portugal. Embora, nessa etapa, não tenham ficado evidentes os sentidos de lugar partilhados pelos grupos frequentadores da praça Portugal, os dados produzidos foram úteis a uma contextualização. Já a análise dos

registros sincrônicos das interações entre os jovens frequentadores realizados em comunidades *on-line* do orkut permitiu mergulhar em memórias coletivas partilhadas pelos jovens do local e acessar memórias do lugar.

Tais procedimentos levaram à identificação dos sentidos elaborados para o lugar praça Portugal por parte dos sujeitos da pesquisa, conforme descrito. Considerando a relevância da dimensão discursiva para a constituição de um lugar, torna-se relevante considerar os registros feitos em meios de comunicação tradicionais e, também, em meios de comunicação com funções “pós-massivas” (LEMOS; LEVY, 2010), em que se experimenta a condição de consumidor/produtor de conteúdo.

Nas interações nas comunidades *on-line* organizadas em torno da praça Portugal, todos os usuários tinham a possibilidade de contribuir para a elaboração da memória coletiva do lugar praça Portugal. Isso favorece a difusão de discursos de diferentes sujeitos agregados a diferentes grupos, inclusive de orientação alternativa ou contra-hegemônica, como indica Serpa (2011).

Esse jogo de forças caracteriza a negociação de sentidos estabelecida em torno do lugar praça Portugal. Em um contexto de vida urbana, em que a cidade está permeada por redes de informação, entrelaçam-se tradicionais e novas possibilidades de interação social. Assim, vê-se a relevância dos processos de comunicação para o estabelecimento de vínculos entre os sujeitos inscritos espacialmente e deles para com o espaço, portanto para constituição de lugares.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.) **A Produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CUNHA, M. N. R. da. **Praças de Fortaleza**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1990.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LEAL, A. B. **Praça Portugal: um laço entre Portugal e o Ceará**. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2009.
- LEMOS, A; LÉVY, P. **O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Hucitec, 1994.

SERPA, Angelo. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

Matérias publicadas em jornal

LIVROS são a motivação da Praça. *O Povo*, 21 out. 1977.

FM do Povo também na Praça Portugal. *O Povo*, 7 nov. 1981.

OBRA interdita Praça Portugal por 45 dias. *O Povo*, 5 ago. de 1986.

PRAÇAS terão novo tipo de iluminação. *O Povo*, 19 jul. 1992.

CONSTRUÇÃO de túnel na Praça Portugal é questionada. *O Povo*, 18 set. 1995.

PREFEITURA reforma Praça Portugal. *O Povo*, 15 maio 1998.